

# Rugologia

## O Arquivo da Rua

Quando falamos de intervenções, independentemente do seu carácter, o conhecimento do lugar é condição para o seu êxito. Quando se trata de intervir numa rua, o conhecimento da mesma pode revelar-se um processo bastante complexo, sobretudo o conhecimento das suas camadas humanas ou sociais, propriedades menos evidentes e concretas.

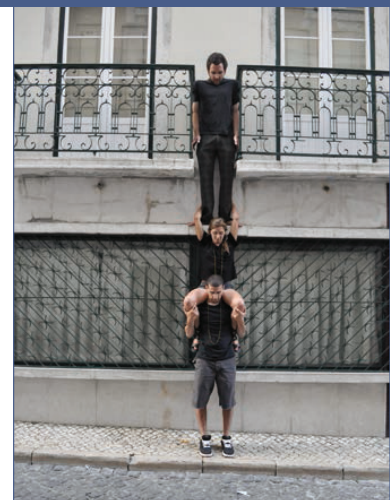


*Descubra as diferenças – Fotografias actuais e antigas da Travessa da Queimada. Comparação entre fotografias actuais e antigas com a mesma perspectiva (do Arquivo Fotográfico de Lisboa), permitindo a percepção das alterações na rua nos últimos cem anos.*

Quando falamos de intervenções, independentemente do seu carácter, o conhecimento do lugar é condição para o seu êxito. Quando se trata de intervir numa rua, o conhecimento da mesma pode revelar-se um processo bastante complexo, sobretudo o conhecimento das suas camadas humanas ou sociais, propriedades menos evidentes e concretas.

Património imaterial ou intangível é aquele que é intocável, aquele que não existe na sua essência enquanto objecto. A sua materialização, no entanto, permite que seja percebido. A exposição *Rugologia – o Arquivo da Rua*, criada a partir de elementos visíveis, plásticos, lumínicos e tangíveis, procurou comunicar a essência e possível património imaterial da Travessa da Queimada.

Rugologia é uma palavra inventada. Vem do grego *ru*go – rua e de *logia* – estudo, significa o estudo da rua. Como é que se pode estudar uma rua? A resposta teve que passar pelo estudo das inúmeras camadas associadas a um território tais como a sua história, geografia e toponímia (com a ajuda de documentos antigos e actuais, através das memórias dos seus habitantes, comerciantes, e todos aqueles que a partilham). A informação encontrada e reunida sobre a Travessa da Queimada revelou-se muito extensa: uma única rua pode parecer inicialmente uma realidade relativamente pequena, no entanto, no desenvolvimento do projecto, manifestou-se como infinitamente divisível, onde cada uma das suas partes era passível de ser um distinto objecto de estudo.



*Exemplo de uma série de fotografias tiradas de madrugada na Travessa da Queimada, com o fim de explorar a relação entre o corpo humano e a arquitectura da rua.*

O maior desafio nesta investigação, pelas suas características idiossincráticas, foi definir a sua metodologia. Comecei por organizar a rua através dos números de polícia, construí um livro onde as páginas são envelopes, portas e contentores das respectivas histórias, imagens e documentos. Este método permitiu que fosse adicionada informação, não apenas durante o período da investigação, mas também depois deste terminar.

A Travessa da Queimada é uma rua em forma de vale. Por ser uma das principais artérias de entrada no Bairro Alto, tem movimentos de pessoas muito específicos ao longo do dia. Além de bastante comércio diurno e nocturno, tem algumas casas vazias também com muito para contar.

Rugologia partiu de um exercício lançado pelos professores Luís Jorge Gonçalves e Nuno Sacramento no Mestrado de Museologia, da Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Este exercício tinha como objectivo, numa primeira fase, a investigação exaustiva de uma rua no centro de Lisboa e, numa segunda, o desenvolvimento de um projecto na mesma, na base dessa investigação.

Depois de todo o tempo passado na rua e reunida a extensa informação sobre a mesma, senti que não tinha ainda acesso à sua vivência integral. Perante este sentimento, apercebi-me de que para aprofundar este conhecimento teria que dar um novo passo na aproximação à rua.

Durante uma semana fui uma habitante da Travessa da Queimada. Vivi num hostel com duas grandes janelas viradas para o meu objecto de estudo. Durante estes dias convidei colegas, amigos, família e conhecidos: pessoas de diferentes áreas, com variadas experiências e origens. Através das suas distintas impressões, formações e interesses surgiram conversas críticas em volta do estudo que decorria, possibilitando uma visão mais abrangente, e talvez mais real desta rua. Foi possível conhecer as diferenças abismais entre a sua actividade diurna e nocturna, (tema bastante polémico entre os habitantes), ser cliente do talho, experimentar os diferentes restaurantes, conhecer o cabeleireiro ali estabelecido há várias décadas e sobretudo ser tratada por 'vizinha' pelo merceiro.

Ao adicionar os registos desta intensa semana e ao comparar com a investigação anteriormente feita, entendi que tinha uma espécie de arquivo que contava uma grande história sobre a Travessa da Queimada. História essa que foi partilhada na própria rua, em forma de exposição, num espaço (gentilmente cedido pela Somafre, S. A.) que já foi uma livraria. A pequena comunidade da Travessa da Queimada contribuiu para a construção da exposição – comerciantes e moradores revelaram-



*O mapa da rua.*

*Foi pedido aos visitantes da exposição que fizessem de memória o mapa da Travessa da Queimada, para através dos vários desenhos ser possível identificar quais os elementos mais representativos da rua.*



*O senhor Carlos, dono do talho da Travessa da Queimada, na exposição com a família, a olhar para as histórias e fotografias do seu estabelecimento.*



*Homenagem à Livraria Ultramarina.*

*O n.º 26 da Travessa da Queimada foi a Livraria Ultramarina, nesta sala foi feita uma homenagem à história do lugar da exposição. Foi pedido aos visitantes que deixassem desenhados alguns dos seus livros de referência nas prateleiras também desenhadas da parede. Na mesa alguns livros abertos que fazem referência à história da rua.*



*Entrada da exposição, no n.º 26 da Travessa da Queimada, os caixotes de fruta foram amavelmente oferecidos pela mercearia da rua para a exposição.*

-se valiosos participantes. Os novos visitantes da rua, através da exposição puderam ter acesso ao seu conjunto de memórias, e aqueles que já a conheciam ficaram sensibilizados ao descobrir que havia tanto para contar sobre ela. A exposição *Rugologia – o Arquivo da Rua* funcionou como um arquivo aberto sobre a Travessa da Queimada, no sentido em que os seus visitantes puderam ainda contribuir para o seu crescimento, depositando no espaço as suas próprias impressões. Penso, no entanto, que este arquivo ou que esta história não está completa, continuo também a pensar em como a contar melhor. No fundo, a história de uma rua é uma história interminável, como a história de qualquer lugar.

A prática artística contextualizada ou

socialmente comprometida implica naturalmente a participação da comunidade ligada ao lugar. Ao trabalhar no sentido da inclusão, cultural e intelectual, este projecto absorveu o conhecimento da rua e suas especificidades, tornando-o assim acessível e relevante para as partes que nele foram activos. Pelo que pude observar, *Rugologia* foi um projecto catalisador para a alteração da perspectiva da rua por aqueles que tiveram acesso ao projecto, a reacção colectiva foi de reconhecimento e identificação. Pela vossa participação, muito obrigada a todos. 

CONSTANÇA SARAIVA,  
constancasaraiva@gmail.com  
www.rugologia.com